

Empresas Tecnologia & Telecomunicações

Banda larga Antes localizados nos bairros mais ricos, estabelecimentos são fonte de renda e lazer na periferia

Lan houses crescem e levam internet às favelas brasileiras

Talita Moreira, André Borges e Heloisa Magalhães
De São Paulo e do Rio

A sala escura e abafada fica abarrotada de jovens. O espaço — um quartinho erguido na laje de um mini-mercado — é pequeno e o calor, insuportável. Mas quem se importa? A garotada que se espreme ali está além das fronteiras estreitas demarcadas pelas paredes.

Olhos vidrados nos computadores, os adolescentes passeiam pelo universo sem limites da internet. Na lan house do cearense Antônio Rodrigues Filho, meninos e meninas da favela de Heliópolis, a maior de São Paulo, ganham o mundo por R\$ 1 a hora.

Aberto no fim do ano passado, o centro de acesso à internet tornou-se em poucos meses a principal fonte de renda do comerciante, também dono do mercado Girassol e de uma loja de artigos fotográficos. "Chamei para ser sócio um amigo que conhecia essas coisas de internet, diminuí o estoque do mercadinho e coloquei lá uns computadores", afirma Rodrigues Filho, que é conhecido na vizinhança como Sonrisal e pretende se candidatar a vereador em 2016. Embora nunca tenha aprendido a usar um PC e tampouco saiba ler e escrever, enxergou no anseio da comunidade em navegar pela web uma oportunidade de negócio.

Histórias como a de Sonrisal são cada vez mais comuns. Num movimento silencioso que se intensificou desde o ano passado, as lan houses — outrora restritas aos bairros nobres das grandes cidades — estão proliferando nas favelas brasileiras e tornando a web mais próxima de quem não tem acesso à internet.

Não há dados precisos sobre esse fenômeno tão recente quanto informal. Em Heliópolis, onde vivem 125 mil pessoas, calcula-se que o número atual ultrapasse facilmente 30 lojas. Na Rocinha, maior favela do Rio e da América Latina, as estimativas vão de 80 a mais de cem unidades. A também carioca Cidade de Deus tem pelo menos 50.

O barateamento dos computadores e dos serviços de internet é crucial nesse processo. Com o dólar em queda, o aumento da oferta de crédito e a redução da carga fiscal incidente sobre os equipamentos, as vendas explodiram nos últimos anos. A previsão da Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee) é de que sejam comercializados no Brasil cerca de 10,1 milhões de máquinas em 2007, volume

23% superior ao do ano passado.

Ainda que de forma menos acentuada, o preço das conexões de banda larga também está em declínio. O valor dos pacotes com velocidade entre 512 quilobits por segundo (kbps) e 1 megabit por segundo (Mbps) diminuiu 27,2% no período de 12 meses encerrado em junho, mostra levantamento feito pela empresa de pesquisas IDC. E não raramente são essas conexões mais lentas (e baratas) que os donos das lan houses contratam e dividem entre diversos micros.

"As lan houses são um efeito colateral inesperado do programa Computador para Todos, do governo federal", avalia o professor Ronaldo Lemos, coordenador do Centro de Tecnologia e Sociedade da Fundação Getúlio Vargas (FGV) no Rio. O grupo tem feito um trabalho de campo em favelas do Rio para estudar esse processo.

Nas últimas semanas, o Valor percorreu as favelas da Rocinha, no Rio, e de Heliópolis e do Jaguaré, na capital paulista. Deparou-se com lan houses quase sempre cheias, lojas recém-inauguradas e outras tantas em fase de expansão.

Em breve, o depósito do mercadinho de Sonrisal vai perder mais alguns metros quadrados para o mundo da internet. "Hoje tenho 14 computadores. Vou reformar aqui e colocar mais 24", afirma o comerciante, quase 30 anos depois de ter deixado o sertão do Ceará com o único objetivo de juntar dinheiro para comprar uma câmera fotográfica Rolleyflex.

O cantor de forró Miguel Silva e um primo de sua esposa, o estudante Luciano Santos, de apenas 17 anos, aproveitaram os fundos de uma papelaria da família e abriram neste ano uma lan house na favela do Jaguaré, Zona Oeste de São Paulo. Começaram com seis computadores, agora já têm dez e só não compram mais porque não têm onde colocá-las. "Vêm umas 70 pessoas por dia aqui. Tem gente que paga adiantado para o mês todo", diz Santos, que fez curso de informática no Senai e vai prestar vestibular para engenharia civil.

Jovens como Santos estão por trás de muitas dessas lan houses. "Tiro entre R\$ 950 e R\$ 1,2 mil por mês, mais do que ganhava na fábrica", diz Marcos Marciel, de 21 anos, que trabalhava como prestista numa metalúrgica antes de abrir a Helipa, há dois meses, numa ruazinha estreita de Heliópolis.

Aos 20 anos, Bruno Borges, da

Rocinha, tem uma lan house com 13 computadores, e está instalando a segunda, que terá oito máquinas. O pai deu dinheiro para ele montar e administrar o negócio, que complementa a renda proveniente de seu trabalho como vendedor numa loja de artigos esportivos do Leblon.

Trajatória não muito diferente é de Davison, de 25 anos, que faz questão de se apresentar apenas pelo primeiro nome. Com o conhecimento em informática aprendido na escola, ajudou sua família e um sócio a montar uma lan house na Rocinha em 2000. Ele e o pai acabaram comprando a parte do sócio e agora ampliam o negócio.

A demanda é forte. Cobrando geralmente entre R\$ 1 e R\$ 2 por hora, as "lans" estão sempre cheias — têm clientela cativa —, a despeito da presença de telecentros municipais e estaduais que oferecem uso gratuito nas periferias. Centros de acesso pago são a principal forma de conexão dos brasileiros das classes D e E à rede mundial de computadores: representam 48,08% do total, segundo dados do Comitê Gestor da Internet (CGI).

As lan houses surgiram na Coréia do Sul, em meados dos anos 90, como locais onde as pessoas se reuniam para jogar em rede. Foi com esse perfil que chegaram ao Brasil, dois anos depois. À medida que a internet disseminou-se entre os mais ricos, o mercado ganhou novas características. Esses estabelecimentos migraram para a periferia e lá os jogos cederam espaço para a navegação na web, oferecendo oportunidades de trabalho, conhecimento e diversão.

O lazer de alguns é fonte de renda para outros. A cabeleireira Raimunda Bandeira Carvalho, de Heliópolis, cismou com os hábitos do filho Rafael, de 17 anos, que não largava mais o computador. Em abril, foi até uma loja da Casas Bahia e comprou no crediário os seis micros que instalou de improviso na entrada de seu salão de beleza. "Tem noites em que a fila de espera chega a três horas", conta Rafael, que cuida do negócio.

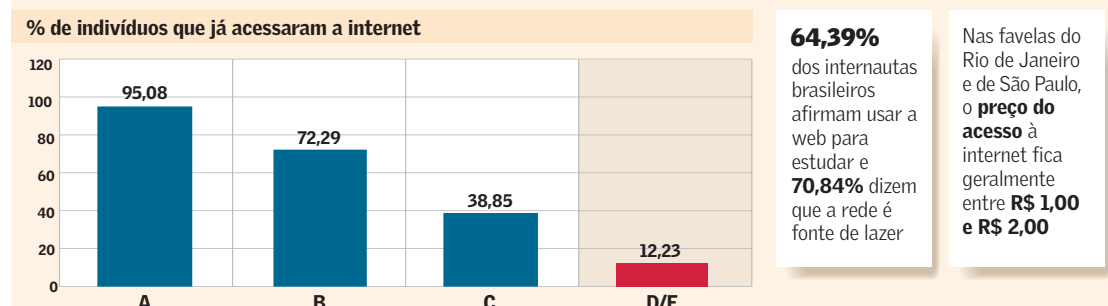
O resultado disso é que aos poucos os hábitos da comunidade vão mudando. Desempregada há meses, Marlucci Veríssimo da Silva, de 49 anos, se cansou de ouvir falar "nessa tal internet" e agora está disposta a fazer um curso que lhe ensine a usar o computador. "Não sei nada disso, mas tenho que aprender. A gente tem que atender o mundo das exigências."



Rodrigues Filho, o Sonrisal, já pensa na ampliação da lan house que abriu na laje de seu mercadinho, em Heliópolis

Exclusão digital

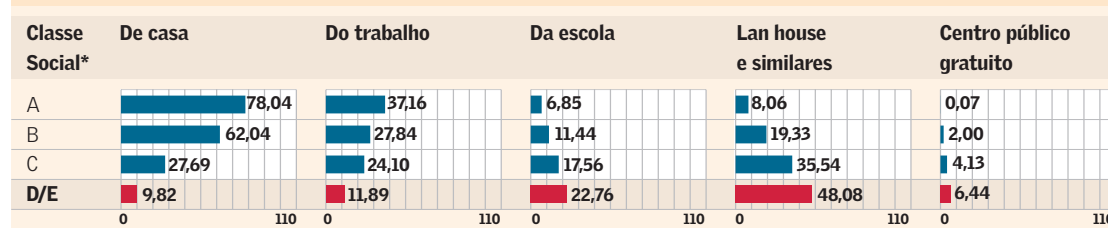
Acesso à internet no Brasil ainda é muito concentrado entre os mais ricos



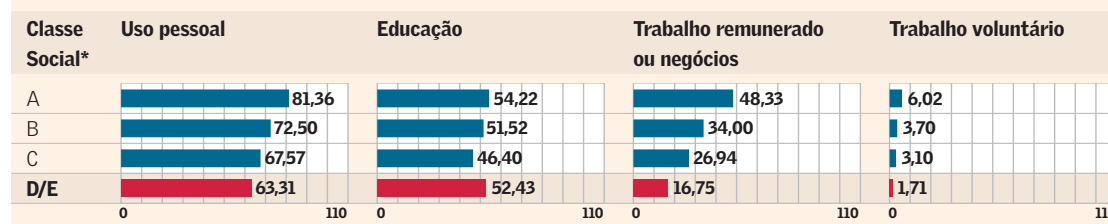
64,39% dos internautas brasileiros afirmam usar a web para estudar e **70,84%** dizem que a rede é fonte de lazer

Nas favelas do Rio de Janeiro e de São Paulo, o preço do acesso à internet fica geralmente entre **R\$ 1,00** e **R\$ 2,00**

Local de acesso - em %



Atividades realizadas na internet - em %



Fonte: Núcleo de Informação e Coordenação do Comitê Gestor da Internet — dados referentes a 2006/ Critério leva em conta a educação do chefe da família e a posse de determinados utensílios domésticos.

Bits picantes nos embalos de sábado à noite

De São Paulo

Sábado à noite. O comércio já está fechado e boa parte da favela dorme, mas na Helipa a festa ainda vai começar. O local da balada, porém, não é um bar nem uma casa noturna. O ponto de encontro é uma lan house numa pequena e escura rua de Heliópolis.

Todas as semanas, da meia-noite de sábado às 7h de domingo, a Helipa promove uma espécie de "corujão". Os filtros que, durante o dia, impedem o acesso de crianças a sites de conteúdo impróprio são liberados. Sanduíches e bebi-

das vendidos no local ajudam a embalar os internautas — e a engordar a receita do proprietário, Marcos Marciel, 21 anos.

Menores de idade não entram, afirma ele. E a idéia se tornou um sucesso, apesar da absoluta falta de privacidade para quem quer navegar por páginas mais picantes. "O pessoal faz fila", ressalta Marciel, que deixou um emprego de prestista para abrir a lan house, há pouco mais de dois meses. "A gente precisa fazer reserva antecipada para os computadores."

Mais do que locais para acesso à internet, as lan houses torna-

ram-se ambientes de lazer nas favelas. Na Rocinha, há festas organizadas por donos e frequentadores desses estabelecimentos. "O xis da questão é que as lan houses são pontos de encontro, lazer e conhecimento a um custo muito acessível" diz Ioram Cejkinski, sócio da LanHousing Consultoria.

E mesmo quando não sobra um dinheirinho para entrar na web, há quem marque presença só para estar com os amigos. "É legal", resume Tiago, 14 anos, que frequenta todas as tardes uma lan house em Heliópolis, ainda que não tenha R\$ 1 para gastar. (TM e AB)

É do Orkut que eles gostam mais

De São Paulo e do Rio

"Ó, Pudim, onde é que tá" o bagulho do MSN?", pergunta o menino e Aparecido Barbosa da Silva, dono da lan house Favel's, no Jaguaré, em São Paulo. Pudim vai até o computador, clica numa janela e ensina ao garoto o caminho das pedras.

O programa de mensagens instantâneas MSN Messenger, da Microsoft, e o site de relacionamentos Orkut, criado pelo Google, reinarão absolutos na internet das favelas. Nas lan houses visitadas pelo Valor em São Paulo e no Rio, invariavelmente a maioria dos usuários navegava por eles.

Em parte, o sucesso é condizente com o fenômeno que esses serviços — ambos gratuitos — se tornaram no país. Dos 60,1 milhões de usuários cadastrados no Orkut, nada menos que 55,3% são declaradamente brasileiros, informa o Google.

No entanto, o comportamento dos jovens da periferia revela mais do que um modismo, afirmam especialistas. "A web, de certa forma, cria um ambiente democrático", avalia Rodrigo Baggio, criador do Comitê para a Democratização da Informática, uma organização não-governamental (ONG).

Mais do que isso, as comunidades virtuais proporcionam aos usuários de baixa renda a chance de ampliar sua rede de contatos pessoais e profissionais para além dos limites de sua vizinhança. "Não é um luxo, é uma necessidade", analisa o professor Ronaldo Lemos, da FGV.

Na avaliação do pesquisador, a internet tem o poder de transformar a realidade desses locais. "O simples contato com a web é positivo. Ela dá uma sensação de dignidade, aproxima as pessoas. E mesmo o papel dos jogos é subestimado: eles estimulam o raciocínio", destaca Lemos.

Baggio, entretanto, avalia que a disseminação das lan houses não promove inclusão digital. "Esses ambientes estão carregados de jogos violentos e sites pornográficos", pondera. "Esse é um desafio."

A jovem Shaiene da Silva, de 17 anos, para uma lan house na Rocinha. Acomodado em seu colo, o bebê parece perfeitamente incorporado ao lazer da mãe prematura. A moça, que revela apenas o primeiro nome, diz que não dá para ficar mais de duas horas. "Não posso gastar muito", afirma. E passa todo o tempo conectada ao Orkut.

No mesmo local, um garoto de 13 anos que prefere não ser identifica-

do diz que passa até seis horas por dia na web. Quem paga a conta é a mãe. Indagado se ela não reclama do gasto (são R\$ 6), o menino responde: "Acho que até prefere. Também faço aqui meu dever de casa. Ela acha que assim não fico andando por aí".

Aginaldo da Costa, aluno da sétima série, é um dos poucos jovens que afirmam ao Valor usar a internet com o objetivo principal de estudar. Numa tarde de segunda-feira, ele fazia uma pesquisa sobre Cuba para a aula de geografia no telecentro do Estado em Heliópolis.

Porém, segundo dados do Comitê Gestor da Internet, a maioria dos internautas de classes baixas afirma utilizar a rede mundial de computadores para a educação. O índice é bem parecido com o dos brasileiros mais ricos (ver tabela).

Empresas e ONGs estão desenvolvendo projetos de educação e capacitação profissional nessas comunidades. Em Heliópolis, uma parceria entre o Banco Real, a fabricante de microprocessadores AMD e a Semp Toshiba está promovendo cursos de informática e, desde a semana passada, vende computadores a preços entre R\$ 1,2 mil e R\$ 1,7 mil. A ONG Viva Rio tinha um programa de inclusão digital na Rocinha. Mas, com

a proliferação das lan houses por lá, transferiu-o para o Complexo da Maré, um local mais pobre.

A LanHousing, criada em 2002 como uma consultoria voltada a empreendedores que queriam abrir esse tipo de negócio, mudou seu foco com a migração para a periferia. Agora, tem maior procura por cursos on-line, que não custam mais do que R\$ 100. E está desenvolvendo um projeto com a Ação Israelita para o Desenvolvimento, no qual as lan houses serão utilizadas como centro de capacitação. "Inclusão digital é um meio, não um fim", destaca Ioram Cejkinski, sócio da empresa.

Discussões à parte, as lan houses acabam por integrar seus frequentadores ao universo virtual. Pudim, que é também DJ e produtor musical, afirma que resolveu abrir a Favel's junto com um amigo depois de perceberem que os moradores ficavam acanhados quando iam a lan houses fora da favela. "A molecada ficava com vergonha dos 'playboys' porque não sabia usar o computador. Tem gente que chega aqui, paga R\$ 2 e fica uma hora inteira olhando para a tela, sem saber o que fazer. Esse aí mesmo era assim", diz ele, apontando para um adolescente que navegava pelo Orkut. (TM, AB e FM)

Moradores queixam-se de falta de atendimento

De São Paulo

Heliópolis poderia ter mais internautas se a oferta de banda larga fosse maior. Na visita que fez à favela, o Valor ouviu queixas recorrentes de moradores que têm interesse em assinar um serviço de internet rápida, mas não conseguem mais do que promessas futuras das operadoras.

"Faz tempo que peço encarecidamente, mas a Telefônica diz que as linhas são limitadas" conta o fotógrafo Gildivan Bento. A Unas, associação comunitária, busca uma solução com a ajuda da Secretaria de Educação do município de São Paulo, que mantém um telecentro na comunidade. Se o problema persistir, um grupo de moradores não descarta a possibilidade de recorrer à Justiça.

Por meio de uma nota, a Telefônica afirma que tem 153 assinantes do Speedy (seu serviço de banda larga) em Heliópolis e ressalta que é a única empresa a atender o bairro. "Os novos pedidos do serviço para o local ficam sujeitos, como em qualquer outra área, à viabilidade técnica na linha do cliente e na central telefônica", diz.

Limitações técnicas, de fato,

existem. A banda larga oferecida pelas operadoras é uma adaptação da rede convencional de telefonia. Quanto mais longe uma residência está da central telefônica, pior a qualidade do sinal.

Mas a Telefônica admite que a questão é também econômica. "A ampliação da rede de banda larga prioriza as áreas em que há maior demanda pelo serviço, independentemente da localização ou faixa de renda", diz o comunicado.

Concessionárias como a Telefônica têm metas para a universalização do serviço de telefonia fixa, mas não são obrigadas pela Anatel a fazer o mesmo com a banda larga. Podem investir apenas nos locais que consideram rentáveis.

A reportagem também procurou a operadora de TV por assinatura Net — empresa que mais tem aumentado as vendas de banda larga em São Paulo — para saber por que não atende Heliópolis. Num comunicado, a Net afirma que "não tem um projeto definido para atender a demanda de banda larga em comunidades carentes", mas pondera que está estudando o assunto. (TM e AB)

A B D E G H